



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

**ELISANDRA OZORIO**

**PAISAGEM: UMA JANELA PARA A APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA**

**CHAPECÓ**

**2016**

**ELISANDRA OZORIO**

**PAISAGEM: UMA JANELA PARA A APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientadora: Adriana Maria Andreis

**CHAPECÓ**

**2016**

**DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação**

Ozorio, Elisandra  
Paisagem: uma janela para a aprendizagem de geografia  
/ Elisandra Ozorio. -- 2016.  
46 f.:il.

Orientadora: Adriana Maria Andreis.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
geografia - licenciatura, Chapecó, SC, 2016.

1. Paisagem. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. 4.  
Geografia. 5. Noções geográficas. I. Andreis, Adriana  
Maria, orient. II. Universidade Federal da Fronteira  
Sul. III. Título.

**ELISANDRA OZORIO**

**PAISAGEM: UMA JANELA PARA A APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA**

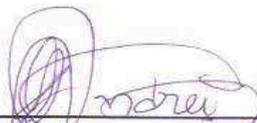
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal Da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Maria Andreis

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

30/06/2016.

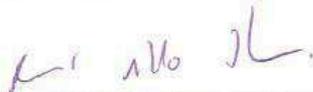
BANCA EXAMINADORA



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Maria Andreis - UFFS



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gisele Leite De Lima - UFFS



Prof. Dr. Ricardo Alberto Scherma - UFFS

Dedico meu TCC à Maria dos Santos (in memoriam), e a meus queridos pais, Libera Ozorio e Ataíde Ozorio, por acreditarem na minha capacidade, e sempre incentivaram com seu carinho e suas doces palavras, fortalecendo-me para a merecida vitória. Com muito amor e carinho a vocês!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul, pela oportunidade de estudar no curso de Geografia - Licenciatura, e também aos membros da banca, por aceitarem e se disponibilizarem a participar desse momento tão importante.

Agradeço a orientadora Adriana Maria Andreis, pelo compromisso e dedicação, e ao coordenador do curso Ricardo Alberto Scherma, por acreditar na minha capacidade, e sempre me incentivar.

Assim com grande carinho agradeço aos Membros da Banca, Gisele Leite de Lima e Ricardo Alberto Scherma.

Agradeço a professora Gisele Leite de Lima e aos colegas, pelo apoio que ofereceram no decorrer da graduação. Dou-lhes o sorriso que trago em minha face oferece-lhes a vitória como prova da minha gratidão e amor.

Aos meus queridos pais, a vocês que sempre estiveram incentivando-me a prosseguir na luta de meus ideais, apostando na minha vitória, neste momento tão especial quero agradecer o incentivo, carinho e esforço que me impulsionaram a concluir a graduação.

## RESUMO

Nesta pesquisa propomos refletir sobre as paisagens fotografadas, enquanto recurso para o ensino, principalmente, da Geografia. Visamos mostrar a proximidade do conteúdo de geografia com o cotidiano do aluno, para expressar a força na relação entre os sentidos e os significados com o que se ensina na escola. É uma abordagem importante, pois as noções geográficas envolvem relações entre os sujeitos e a natureza, e as paisagens podem servir a essa aprendizagem. Entendemos que a imagem é potente no ensino de geografia, pois abre possibilidades de prender a atenção e provocar a curiosidade e interesse dos alunos, instigando-os a olhar e pensar o espaço geográfico. Utilizamos como metodologia, interpretações baseadas em referenciais bibliográficos, e relacionamos com fotografias de diferentes paisagens para apresentar modos de utilizar as fotos como material didático, e exemplos de conceitos que podem ser explorados com o uso das fotografias, para construir essas noções. Para isso, organizamos o trabalho em três partes. Primeiramente, debatemos o conceito de paisagem proposto por diferentes autores e, também, apresentamos a relação entre espaço geográfico, lugar e paisagem. Na seção seguinte, analisamos a paisagem como dimensão geográfica do espaço e sua importância para o ensino. Para tanto, consideramos dois modos dos sujeitos interagir com as paisagens: modo direto e indireto. Na última parte do trabalho, encaminhamos a pesquisa, buscando compreender o potencial da paisagem para o ensino. Concluímos que a geografia e outras áreas podem utilizar fotografias de paisagens, que expressam imagens de paisagens mais naturais e mais artificiais, para construir conceitos e ampliar os conhecimentos, no sentido de fortalecer o ensino e as aprendizagens.

Palavras-chave: Paisagem. Ensino. Aprendizagem. Geografia. Noções geográficas.

## ABSTRACT

In this research we seek reflecting on photographed landscapes, as a teaching resource, mainly, for Geography. We aim to reveal the proximity of Geography content with student's daily life, in order to express the strength of the relationship between senses and meanings, in accordance with what is taught at school. It is an important approach because the geographical notions involve relations between subjects and nature. In this way, landscapes can contribute to this learning. We understand that the image is powerful to Geography teaching, as it opens possibilities to grab attention, challenge curiosity and students' interest, instigating them to look and think about the geographical space. As methodology, we used interpretations based on bibliographic references. Then, we related them with photographs of different landscapes. Thereby, we presented ways to use the pictures as teaching materials, and examples of concepts that can be explored using photographs to build these notions. For this, we organized the work into three parts. First, we discussed the concept of landscape proposed by different authors. Also, we presented the relationship between geographical space, place and landscape. In the next section, we analyzed the landscape as a geographical dimension of space and its importance for teaching. Therefore, we considered two ways in the interaction of subjects with the landscapes: direct and indirect way. In the last part of this work, the research tried to understand the landscape potential for teaching. We concluded that Geography and other areas can use photographs of landscape, which express images more natural and more artificial of landscapes, in order to build concepts and expand knowledge, and also strengthen teaching and learning.

Keywords: Landscape. Teaching. Learning. Geography. Geographical notions.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 –	Campus Chapecó-SC.....	19
Fotografia 2 –	Campus Chapecó-SC.....	19
Fotografia 3 –	Rio Guaíba Porto Alegre-RS.....	29
Fotografia 4 –	Córrego Ilha das Flores Porto Alegre-RS.....	30
Fotografia 5 –	Taça do Parque Vila Velha-PR.....	32
Fotografia 6 –	Praia de Torres-RS.....	33
Fotografia 7 –	Floresta Tropical Altântica-PR.....	33
Fotografia 8 –	Marcas Humanas Na Floresta Tropical Altântica-PR.....	34
Fotografia 9 –	Prédio Histórico Porto Alegre-RS.....	35
Fotografia 10 –	Floresta Ombrófila Mista – PR.....	35
Fotografia 11 –	Xaxim Mata Preta Abelardo Luz-SC.....	36
Fotografia 12 –	Agroecologia Chapecó-SC.....	37
Fotografia 13 –	Áreas de Cultivos.....	37
Fotografia 14 –	Viadutos Porto Alegre-RS.....	38
Fotografia 15 –	Igreja Nossa Senhora Mãe De Deus Porto Alegre-RS.....	39
Fotografia 16 –	Orla Portuária Itajaí-SC.....	40
Fotografia 17 –	Agência Bancária Com Arquitetura Singular Joinville-SC.....	40
Fotografia 18 –	Arquitetura Europeia Blumenau-SC.....	41
Fotografias 19 e 20–	Rio Itajaí Açú Blumenau-SC.....	41
Fotografia 21 –	Paisagem Rural/Urbana Chapecó-SC.....	42
Fotografias 22;23 e		
Fotografias 24;25 –	Ametista do Sul-RS.....	43

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>PAISAGEM GEOGRÁFICA.....</b>	<b>11</b>
2.1	O QUE É PAISAGEM?.....	11
2.2	ESPAÇO GEOGRÁFICO LUGAR E PAISAGEM: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA.	16
2.3	PAISAGEM COMO DIMENSÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO NO ENSINO.....	22
<b>3</b>	<b>A POTÊNCIA DA PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>445</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta proposta de pesquisa tem como tema central, a discussão que envolve o uso das paisagens como recurso para o ensino, especialmente de geografia. Nesse sentido, argumentamos, que o uso da imagem serve como um recurso, para estudar o mundo, o qual pode ser representado por meio das paisagens fotografadas.

A escolha da temática para esta pesquisa despertou a atenção, a partir do primeiro semestre da graduação (licenciatura em Geografia), pois nos trabalhos de campo de diversos componentes curriculares do curso, no percurso das viagens e nas visitas, sempre tirávamos fotografias, as quais eram utilizadas nos trabalhos acadêmicos, bem como, visavam criar um acervo pessoal, para servir como aporte à vida pessoal, acadêmica e profissional. E é por essa razão que o título deste trabalho, “Paisagem uma janela para a aprendizagem de geografia”. Relaciona-se com a noção de janela, uma vez que esta se apresenta como uma abertura que nos convida a olhar e pensar sobre o espaço geográfico, assim como uma fotografia.

Considerando essa força de imagem na forma de fotografia, a problemática que desencadeia a pesquisa envolve a interrogação: qual é a força que a imagem têm para a construção dos conhecimentos na escola? Tomamos como hipótese que se as fotografias forem aproveitadas como recursos didáticos, podem contribuir com o ensino, porque uma imagem tem força para atribuir sentidos aos significados dos conteúdos propostos na escola.

Assim, a paisagem, nesse caso, materializada sob a forma de fotografias, consiste em uma noção geográfica de suma importância para compreender o mundo, ao passo que a geografia estuda o espaço produzido, o qual se expressa e, por isso pode ser, estudado por meio de paisagens. As fotografias se forem aproveitadas como recursos didáticos podem contribuir com o ensino, porque uma imagem tem força para atribuir sentidos aos significados dos conteúdos propostos na escola. Isso, justifica a pesquisa, pois a paisagem esta presente em todas as etapas da vida do sujeito, tanto no seu tempo de estudo como ao longo de suas vivências pessoais e profissionais.

A fotografia da paisagem pode ser um dispositivo para concentrar a atenção dos alunos. Na escola, por exemplo, a fotografia pode servir-se do telefone celular, para obter imagens. Para tanto, os alunos podem utilizar seus celulares, para tirarem suas próprias fotografias, implicando na construção e atribuição do sentimento de pertencimento. Desse

modo, os alunos podem se sentir como sujeitos integrantes da paisagem, além de compreender os conceitos e a importância de estudar a geografia.

Considerando que o objetivo da aula é a aprendizagem, a linguagem visual é um importante recurso. Assim o objetivo geral é analisar as possibilidades de uso das paisagens como recurso para o ensino, especialmente, em geografia. E de modo específico visamos conceituar paisagem e relacionando-a com o lugar e o espaço geográfico. Também, objetivamos refletir sobre a dimensão geográfica das paisagens para o ensino de geografia e de outras áreas, analisar fotografias para compreender a força das imagens nas aprendizagens geográficas.

Nessa perspectiva, metodologicamente este trabalho está baseado em campo teórico, a pesquisa bibliográfica, pautada em diferentes autores como: Milton Santos, Denis Cosgrove, Geovane Aparecida Puntel, Luiz Otavio Cabral, Ana Beatriz Câmara Maciel; Zuleide Maria Carvalho Lima Essa busca teórica é relacionada com a obra de Lana de Souza Cavalcanti, Helena Copetti Callai, Antônio Castrogiovanni, Marcelo Garrido Pereira, Andrea de Castro Panizza e Adriana Maria Andreis entre outros, que tratam do ensino de geografia. Aliando esses referenciais à paisagem e ao ensino, faremos uma relação com campo empírico, que se caracteriza pela interpretação de fotografias para sugerir possibilidades de ensino e aprendizagem.

Tomando as relações entre paisagem, fotografia e ensino o trabalho, está organizado em três partes. Primeiramente, discutimos o conceito de paisagem proposto por diferentes autores. Ainda, nesse capítulo, debatemos a relação entre espaço geográfico, lugar e paisagem. Também, analisamos a paisagem como dimensão geográfica do espaço e como importante elo ao ensino, argumentando que as paisagens podem ser diretas, quando o fotógrafo interage com a paisagem, e indiretas no momento em que visualizamos fotografias. No último capítulo encaminha a pesquisa, buscando compreender o potencial da paisagem no ensino especialmente de geografia. Neste, analisamos diferentes paisagens por meio de fotografias e propomos que há “paisagens mais naturais” e “paisagens mais artificiais”.

## 2 PAISAGEM GEOGRÁFICA

A paisagem é a noção central nesta pesquisa. Interpretar a paisagem se constitui possibilidade para pensar e compreender o espaço geográfico, pela expressão de elementos e ações naturais e artificiais, que a paisagem expressa. Entendemos que ela serve como recurso pedagógico fundamental, pois pode auxiliar como elo ao ensino de geografia. Isso, porque todos os sujeitos vivem em relações com paisagens.

Denis Cosgrove (1998 apud CABRAL, 2000, p. 41) reforça essa importância, ao afirmar que “[...] a paisagem lembra-nos que a geografia esta em toda a parte que é uma fonte constante de beleza e feiura, de alegria e de sofrimento de acertos e erros”. Isso significa que, se todos convivem com paisagens, então, no ensino ela pode servir como dispositivo para provocar relações com os conhecimentos que são propostos nas aulas de geografia e, também, em outras aulas.

Considerando essas possibilidades, ao longo da pesquisa analisamos a paisagem como um elemento que faz parte do cotidiano de todos, seja ele qual for, e mesmo que não seja observada diretamente ou sentida pelo sujeito, ela apresenta uma relação com a vida de cada um e de todos.

Para avançarmos na reflexão sobre a paisagem, tencionamos: Será que é algo novo, velho, estático ou em movimento? Poderia ser bonito, feio, alegre, triste? Ela pode estar próxima, distante, ser imaginário e real? Será que, além da cor, pode envolver sons, odores, sensações? Enfim, tudo isso pode ser considerado quando estamos analisando a paisagem.

Nessa perspectiva, com este capítulo começamos a reflexão para configurar a ideia da paisagem no ensino. Isso envolve a pergunta acerca do que está implicado no conceito de paisagem.

### 2.1 O QUE É PAISAGEM?

Responder essa pergunta é importante, porque o conceito de paisagem, muitas vezes, pode ser entendido superficialmente. E a geografia tem um referencial teórico que permite essa configuração conceitual.

Quando pensamos e falamos em paisagem, na maioria das vezes relacionamos com algo bom e bonito. Também, muitas vezes, vinculamos com aspectos da natureza como Sol, Lua, rios e vegetação, entre outros elementos. Está é uma primeira ideia que podemos ter da

noção geográfica. Mas, para avançarmos na reflexão é importante destacar as principais escolas da geografia e seus respectivos olhares para o conceito de paisagem.

Maciel e Lima (2011, p. 161), são pesquisadores que discutem essa noção, e chamam a atenção para o fato de que:

No século XIX o estudo da paisagem trabalhou a abordagem descritiva e morfológica que abordava a natureza do ponto de vista de sua fisionomia e funcionalidade. [...]. Conforme Christofletti (1999), essa abordagem descritiva mostra que, em sua função estético-descritiva, a palavra paisagem teve seu desenvolvimento inicial relacionado com o paisagismo e com a arte dos jardins.

Conforme os autores, a descrição das formas aparentes dos lugares, bem como o destaque para os aspectos da natureza, como a vegetação e o relevo, contribuíram para a tendência de valorizar o visual idealmente apreciável. Ou seja, o jardim, foi tomado como um referente para pensar a paisagem.

Ainda nos dias de hoje quando mencionamos a palavra paisagem é comum ocorrer essa relação com a beleza dos jardins. Então, os estudos do século XIX, referidos pelos autores contribuem para que a mesma comece a ganhar várias conotações nos diversos países europeus. Essas conotações abrangem significados que tem relação com, as escolas da geografia. Diferentes escolas contribuíram para configurar o conceito de paisagem.

A seguir, trazemos algumas dessas escolas, baseando-nos em Maciel e Lima (2011, p. 161), comentando as escolas germânica, soviética e anglo-americana. Em relação à germânica: “Essa escola introduziu também o conceito da paisagem como categoria científica e a compreendeu até os anos de 1940, como um conjunto de fatores naturais e humanos”.

Podemos entender que é na escola germânica, que o elencar de elementos da natureza e da sociedade são salientados. Isso pode ser relacionado com o período no qual é configurada, ou seja, de interesse em afirmar a soberania dos países e, assim, se tornava fundamental, dar destaque para os sistemas aparentes. A escola germânica se destaca pela visão geográfica, e seus diferentes métodos de trabalhar a cartografia geomorfológica, introduzindo conceitos de paisagem como categoria científica.

Ao longo tempo, a paisagem assume forte relação com a região, conforme os estudos de diferentes geógrafos. Assim, torna-se possível a mudança nos enfoques dos estudos, tanto da região quanto da paisagem.

Nesse sentido, a escola da antiga União Soviética:

[...] se caracterizou por ser uma escola fechada, cientificamente, em relação às demais escolas, e pode-se dizer, Dokoutchaev, em 1912, trouxe uma nova abordagem com relação aos elementos da natureza, definindo o Complexo Natural Territorial (CNT), na qual inclui os processos físicos, químicos e bióticos, colocando a vegetação como diferenciadora nas tipologias das unidades de paisagem e do solo como produto da interação entre o relevo, clima e vegetação. (MACIEL; LIMA, 2011, p. 162).

Podemos depreender que os referenciais de paisagem vão sendo ampliados. A afirmação dos pesquisadores permite entender que a contribuição soviética é importante para a abordagem geográfica da paisagem, na medida em que é reconhecida a influência das formas do relevo e os processos químicos, físicos e bióticos, que constituem a base e que interagem com o conjunto paisagístico. Também, são relevantes o tipo de solo e a ação climática sobre o relevo, pois estes elementos são fundamentais para o tipo de vegetação que se adapta ou não com as condições do local. Isso, porque a vegetação evidencia, ou seja, expressa em cada região suas características singulares, que podem até mesmo, ser observáveis em ilustrações.

Também relacionado com a noção de região, conforme Maciel e Lima (2011, p. 162) tem-se a escola Anglo-americana que, por sua vez, analisa a paisagem sob a perspectiva que valoriza a evolução do relevo.

Na escola Anglo-americana, durante os anos de 1940 nos Estados Unidos, substituiu o termo *landscape*, que estava, até então, em uso nesse país sob influência da geografia alemã (Carl Sauer), pela ideia da “região” (Richard Hartshorne), sendo esta um conjunto de variáveis abstratas deduzidas da realidade da paisagem e da ação humana (SCHIER, 2003). A paisagem era analisada sob a perspectiva da evolução do relevo [...] (MACIEL; LIMA, 2011, p. 162, grifo dos autores).

E é por essas pesquisas que a relação entre paisagem e região vai sendo reforçada. Contudo, também contribuem para afirmar a importância de compreender essas dimensões. Deste modo, historicamente, a noção de paisagem foi sendo configurada pela geografia, conforme apresentamos anteriormente. E ao encontro dessas ideias, somamos os estudos de Milton Santos como uma composição que apresenta contribuições importantes à ciência geográfica. Segundo o Geógrafo:

A paisagem pode ser entendida como tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Essa pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (SANTOS, 2008, p. 67-68).

Podemos exemplificar como um rio tão importante como o Tietê, que corta a capital paulista, o qual, após receber diferentes tipos de materiais, sejam sólidos ou solúveis, transforma a paisagem. Isso vale tanto para quem conhece presencialmente essa paisagem, quanto para quem apenas a vê por meio de imagens ou a imagina em pensamento.

Assim, podemos perceber que o pesquisador não limita as paisagens somente ao visualizado, ele afirma que elas têm “cores, sons, odores e movimentos” (SANTOS, 2008, p.67-68), sejam estes naturais ou construídos pela sociedade. Além disso, o geógrafo assume que é a sociedade a grande construtora e transformadora das paisagens. Concordando com o pesquisador, podemos afirmar que ao mesmo tempo em que, a sociedade realiza esse processo de criação e mudança de paisagens, ela as interpreta. Nesta perspectiva, Santos (2008, p. 71) destaca que “a paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais”. Quer dizer que se deve cuidar para não pensar a paisagem como ideia de homogeneidade, visto que, ela é extremamente heterogênea.

Ainda, Sauer (1925 apud CORRÊA, 1998), citados por Maciel e Lima (2011, p.163), aborda a paisagem como algo complexo, constituindo-a como uma forma de interação social e natural. Quando o autor se refere aos elementos naturais e sociais, indica que a sociedade elabora e modifica as paisagens, conforme suas ações em interação com a natureza. Por isso, nos deparamos com paisagens culturais, econômicas, e artificiais, sejam elas reais ou representadas.

Puntel (2007, p. 291), contribui para essa reflexão, pois afirma que cada paisagem “cumpre uma função de acordo com as condições do lugar, seja ela estética, política, estratégica, econômica, cultural, histórica, para permitir uma determinada organização e funcionalidade”. Embora não devamos restringir a análise aos aspectos e aos pontos de vista da economia e política, esses são constitutivos da paisagem, porque ela tem associação com as vivências das pessoas.

Outro aspecto, o qual é considerado por Santos (2008, p. 68), refere-se ao fato de que “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos”, sendo assim, destacamos a importância de aprender “[...] ultrapassar a paisagem como aspecto para chegar ao seu significado” (SANTOS 2008, p. 68). Conforme já comentamos, os sujeitos tem relação com a paisagem, mas para que esta seja importante aos sentidos, é necessário que haja a construção de significados na vida desses sujeitos. Conforme o autor afirma, “a percepção não é ainda o conhecimento, que depende da sua interpretação, e esta será tanto mais válida

quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência” (SANTOS, 2008, p. 68).

Essa afirmação de Santos (2008) dialoga com a proposta de Cosgrove (1998), o qual nos diz que:

Paisagem lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ele nos diz que apenas através da consciência e razão humana este esquema pode ser conhecido. Ao mesmo tempo, a paisagem que se faz presente como uma fonte incessante de significação e uma vez que acessível ao olhar e à mente, torna-se guia para as ações e condutas humanas; não se trata de um horizonte fixo e estático, mas construídos de movimento, valores e sentimentos. Ao incluir aquilo que tem significância para diferentes sujeitos, a paisagem deixa de ser um pano de fundo das atividades e acontecimentos e integra-se à existência humana (COSGROVE, 1998 apud CABRAL, 2000, p. 41).

Para exemplificar essa abordagem, sugerimos que o leitor imagine a paisagem de um rio, em um determinado ponto que ainda não tenha, ou, haja o mínimo possível de intervenções humanas sobre ele. Posteriormente, podemos imaginar a paisagem deste mesmo rio, no qual o seu curso passa por várias interferências praticadas por diversas atividades, sejam elas ambientais, sociais, econômicas, entre outras. Esse esforço de imaginação permite pensar que uma paisagem será menos desequilibrada em termos ambientais que a outra, ou seja, uma é mais poluída que a outra.

Esse exercício faz com que o sujeito reflita “sobre a nossa posição no esquema da natureza”, pois, conforme Cosgrove (apud CABRAL, 2000, p.41) “apenas através da consciência e da razão humana este esquema pode ser conhecido” como a paisagem, “que se faz presente como uma fonte incessante de significação e uma vez que acessível ao olhar e a mente torna-se guia para as ações e condutas humanas”. Entendemos que por meio da visualização temos o veículo que nos possibilita a percepções emotivas e conscientes.

Portanto, as paisagens são elaborações humanas, nesse sentido, sempre possuem relações com a vida dos sujeitos. Isso significa que todos convivem com paisagens, sempre e em todos os lugares. É por isso, que na sequência deste primeiro capítulo, damos destaque para a relação entre o espaço geográfico, a paisagem e o lugar, pois, essas ideias servem para reforçar a importância que a paisagem possui na vida do planeta e da sociedade.

## 2.2 ESPAÇO GEOGRÁFICO, LUGAR E PAISAGEM: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

Na parte anterior analisamos a evolução da noção de paisagem geográfica, assim, na sequência, daremos enfoque à interação entre o espaço geográfico, a paisagem e o lugar. Para tanto, damos início a esta análise através de uma pergunta, pois, “Será que podemos dizer que existem paisagens sem o espaço ou sem o lugar”? Em resposta a esta pergunta, afirmamos que não há como existir a paisagem sem que esta dialogue com o espaço e o lugar. Isso, porque lugar e paisagem são modos de pensar o espaço, a partir de determinados elementos do mesmo.

Para iniciarmos a reflexão sobre a relação existente entre o espaço geográfico e o lugar, destacamos a autora Lana de Souza Cavalcanti, pois ela faz uma importante “discussão teórico-metodológica sobre o *lugar* na ciência geográfica” (CAVALCANTI, 2011, p. 89, grifo da autora). Percebemos que as noções geográficas fazem parte do cotidiano de todos, por isso, consideramos importante à discussão proposta. Nesse sentido, Cavalcanti (2011, p. 89) reforça no que é referente ao lugar, a importância de “ultrapassar a ideia desse conceito como simples localização espacial absoluta”. Para isso, a autora destaca as seguintes perspectivas: a humanística; a histórico-dialética; e a pós-moderna.

Em relação à primeira perspectiva, Cavalcanti (2011, p. 89, grifos da autora) aborda que “o *lugar* é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço vivido, do experienciado”. Deste modo, esta perspectiva visa compreender o mundo por meio do “estudo das relações das pessoas com a natureza”. Nesse sentido, “a tarefa do geógrafo humanista é exatamente a de saber como um *espaço* pode se tornar o *lugar*” (TUAN apud CAVALCANTI, 2011, p. 89, grifo da autora). Para tanto, Tuan distingue esses conceitos da seguinte maneira:

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se confunde com o lugar. “Espaço” é mais abstrato do que o “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o adotamos de valor [...] se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN apud CAVALCANTI, 2011, p. 89).

Concordamos com a afirmação de Tuan. Sem dúvida, “o espaço é mais abstrato do que o lugar” e percebemos que normalmente a sociedade refere-se ao lugar como referência de localização, e no cotidiano estabelecem as relações entre o sujeito e as noções geográficas. Podemos entender essa “pausa do movimento” se pensarmos numa paisagem fotografada, entretanto, esta discussão direcionamos no terceiro capítulo.

Tendo em vista a concepção histórica-dialética, o “*lugar* pode ser considerado no contexto do processo de globalização” (CAVALCANTI, 2011, p. 90). Esta perspectiva “tem uma abordagem contraditória da homogeneização das várias esferas da vida social e fragmentação, diferenciação e antagonismo sociais” (CAVALCANTI, 2011, p. 90). Assim os lugares expressam suas particularidades, mas essas não se limitam nos lugares, é necessário visualizar como global, ou seja, a questão da fome pode estar em todo lugar, assim a questão deve ser considerada global “pois há na atualidade um deslocamento das relações sociais”, as quais se diferem pelas relações local e global (CAVALCANTI, 2011, p. 90, grifo da autora).

A autora acima referida “propõe a discussão da geografia pela ótica do pensamento pós-moderno, colocando em questão a noção de totalidade para explicação do *lugar*”, (CAVALCANTI, 2011, p. 91 grifo da autora). Sendo assim, Cavalcanti afirma que, na perspectiva pós-moderna, “se rompe a lógica de totalidade [...] a única coisa que se tem existência empírica, e, portanto, é possível se analisar, é o lugar, o fragmento, o indivíduo” (CAVALCANTI, 2011, p. 91).

Nesse contexto, percebemos que a ideia de totalidade conjuga com uma análise mais detalhada. A dos lugares por menores que sejam, pois estes possibilitam analisar minuciosamente as particularidades.

No que diz respeito ao espaço, Andreis (2012, p. 30), enfatiza “que os espaços são resultados de escolhas da sociedade, em uma constante dinâmica de produção, reprodução e transformação da natureza”. Assim, toda essa dinâmica e processos que envolve a sociedade e a natureza, por estarem expressos na paisagem, inferem a importância de interpreta-la. Entendemos que a paisagem também está ligada ao desigual.

Conforme a afirmação de Andreis (2012, p. 30 grifo da autora), “O espaço é vivenciado por todas as pessoas sob a forma de *cotidiano* e apropriado sob a forma de *lugar*, em um processo de permanente construção de paisagens”. Assim:

Todos os espaços são geográficos porque são determinados pelo movimento da sociedade, da produção. Mas tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento

unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos (SANTOS, 2008, p. 67).

Considerando o acima exposto, encontramos muitas possibilidades de relacionar o espaço geográfico com o lugar, pois a própria sociedade cria os lugares. Essa reflexão possibilita ao leitor pensar que, a forma como agimos sobre o espaço ou o lugar e principalmente a paisagem, pode ser diferente na percepção e interpretação dos sujeitos.

Isso ocorre, pois como já sabemos os sujeitos da nossa sociedade sempre escolhiam lugares para construir seus abrigos. Os sujeitos constroem seus habitats de acordo com suas atividades. Segundo Santos (2008, p. 67), “tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade”. Entendemos que o sujeito faz parte das paisagens não apenas como ator, mas como autor.

Assim, lugar e paisagem, constituem noções básicas para a interpretação da dinâmica dos processos que movimentam o espaço geográfico.

Nesse sentido, torne-se importante destacar que “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certos arranjos e objetos sociais, e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento” (SANTOS, 2008, p. 28).

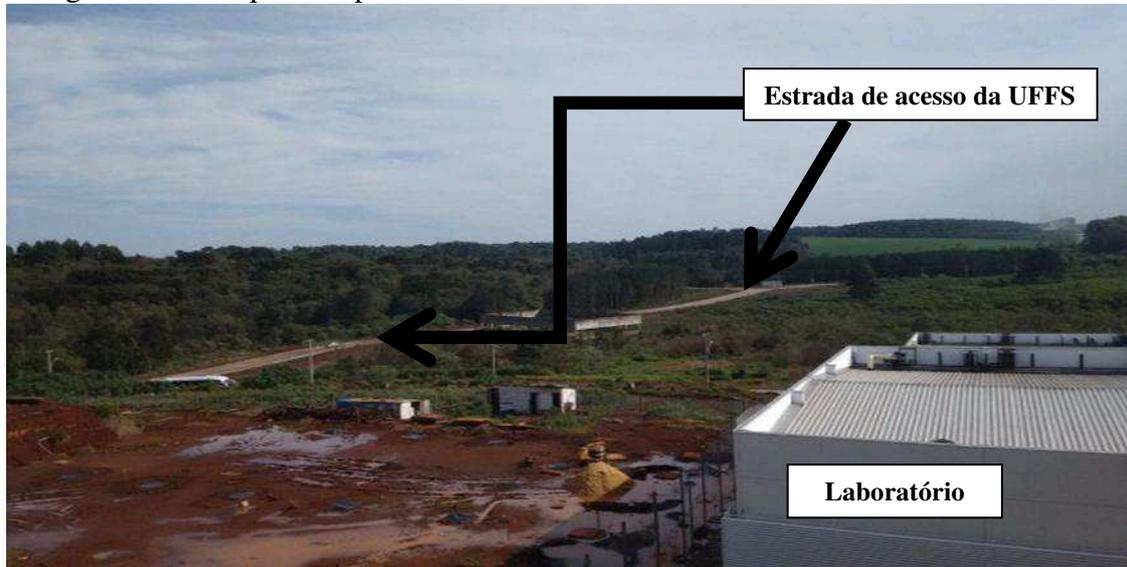
Para tornar clara a relação entre o espaço geográfico, lugar e paisagem, selecionamos do arquivo pessoal as imagens 1 e 2 e anexamos a seguir no corpo do texto, pois elas representam processos visíveis do início e da continuação das obras do campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Estas imagens relacionam-se com a temática proposta, pois conforme Milton Santos (1997, p. 59), “o lugar constitui-se na dimensão da existência, manifestada por meio do cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas”. Assim, as universidades proporcionam este cotidiano compartilhado, visto que nela há um encontro pessoas, de vários lugares e até mesmo de outros países, construindo a paisagem do lugar.

Por isso, percebemos que toda universidade é um lugar, ao passo que toda pessoa que viveu algum momento nela, lhe atribuiu um significado, isso, porque tem relação com seu estudo, trabalho, profissão, formação enquanto cidadão, ou simplesmente para a vida. Assim, o sujeito acaba criando identificações pelo sentido de pertencimento, para ele a universidade é o lugar que estará gravado na sua memória.

Vamos aos nossos exemplos. Nas imagens que seguem, expressamos essa relação intrínseca do espaço geográfico, com o lugar e as paisagens, mesmo que, em momentos diferentes.

Fotografia 1 – Campus Chapecó-SC



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.  
Nota: Foto de Elisandra Ozorio

Fotografia 2 – Campus Chapecó-SC



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.  
Nota: Foto de Elisandra Ozorio

As fotos representam uma parte do campus da Universidade Federal da Fronteira Sul, (UFFS), Campus Chapecó-SC, em diferentes tempos. A imagem 1 é uma fotografia tirada em janeiro de 2015, e a imagem 2 é uma fotografia tirada em dezembro de 2015. O ponto de referência comum, que permite identificar que se trata do mesmo local em ambas as imagens,

é a estrada de acesso ao campus. As fotografias são do mesmo local, mas não constituem a mesma paisagem, nem o mesmo lugar.

Ao observar a imagem 1 visualizamos no alto, do lado esquerdo a estrada de acesso à UFFS já concluída, uma parte do espaço aterrado, e ao lado direito o laboratório. Ainda no lado direito, na parte superior da imagem percebemos uma mancha de vegetação. A parte que aparece identificada como laboratório, na imagem 2 não aparece, porque as duas imagens são do mesmo lugar, mas fotografadas em ângulos diferentes.

Na segunda imagem, o ponto de referência continua sendo a estrada de acesso à UFFS. Nessa imagem 2, podemos observar que o aterro já fora ocupado pela construção, que ainda esta em andamento, também observamos no lado direito na parte superior que a vegetação muda de cor, pois na primeira imagem há uma plantação em processo de crescimento, e na segunda imagem, a mesma plantação está no período de colheita. Assim, percebe-se claramente a transformação da paisagem do lugar, como indícios da construção do espaço geográfico por meio da ação humana.

Na transformação do espaço geográfico, a paisagem local muda, e assim os elementos espaciais adquirem formas e significados diferentes. Por exemplo, a construção que será o Bloco C da UFFS, passa a ter significações diferentes para todos os que com ela tiverem contato. Ademais, percebemos que apenas um objeto, como a estrada do acesso, já é suficiente para identificação do lugar e que muitos outros elementos poderiam vir a ser observados e analisados.

Deste modo, o espaço geográfico sofre mudanças, ou seja, é escavado, ou aterrado, tem retirada sua vegetação natural, ou esta é substituída por outras espécies. Desta maneira, o espaço geográfico é modificado, para atender os interesses dos agentes transformadores. Aos poucos, os elementos ganham novas formas e estruturas, buscando atender esses interesses. Logo, as mudanças trazem novos investimentos, diferentes necessidades e atividades diversas.

Ainda podemos trazer como exemplo, o espaço de uma praça, a fim de pensarmos sobre a relação entre o espaço, o lugar e a paisagem. Nas praças há um movimento diferenciado em cada horário, do dia ou da noite. Durante o dia, nela se podem exercer várias atividades, revelando diferentes paisagens. A praça durante o dia pode ser o lugar de recreação de pais com seus filhos, de exposições artesanais, de apresentações religiosas, de discursos públicos, de eventos culturais e artísticos, ou simplesmente ser considerado um lugar de encontros.

A mesma praça pode, à noite ou nos fins de semanas, atender outras funções, as quais podem ser apresentações artísticas, prostituição, tráfico de entorpecentes, abrigo para moradores de rua, atos públicos, etc. As praças também são utilizadas na comemoração de algumas datas, por estarem normalmente localizadas nos centros das cidades ou até mesmo nos bairros. Portanto, servem como atrativos de pessoas, como um lugar de referência geográfica, ou seja, um indicativo de localização, por ser um lugar facilmente lembrado e reconhecido. Por isso, também os municípios as utilizam nos guias práticos e as exibem como ponto de referência.

Logo, ao capturar outras imagens do mesmo lugar, em horários diferentes, podemos ver que a paisagem se modificou com os movimentos da sociedade, sejam eles, culturais, políticos, sociais, expressos pelos agentes criadores do espaço geográfico.

Além da universidade e da praça outro exemplo é o da usina hidrelétrica. Os lugares onde estas são construídas exigem uma série de estudos, conhecimentos científicos e tecnológicos, para sua edificação. Dessas hidrelétricas podemos encontrar representações anteriores e posteriores da paisagem, e mesmo que não tivéssemos conhecido o lugar que as águas escondem, podemos pensar e, assim assimilar a relação que o espaço geográfico, e o lugar têm com paisagem. Assim, cabe lembrar o argumento de que:

Compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história dos lugares, assim a procura entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. O espaço em que vivemos é o resultado da História de nossas vidas. Ao mesmo tempo em que ele é o palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também o ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites, cria possibilidades (CALLAI, 2005, apud, SILVA; PIRES (ORG), 2013, p.113).

Assim, entendemos que, a geografia pode ser tensionada por meio das paisagens que compõem os lugares. A paisagem, com certeza, está sempre em movimento, transformando-se com o decorrer do tempo. Por isso a paisagem de hoje vai compor a paisagem de amanhã, com as relações cotidianas entre a sociedade e a natureza.

Deste modo, compreendemos que a noção de paisagem aliada ao entendimento de lugar e ao estudo do espaço geográfico é de grande importância no ensino de geografia, pois por meio da paisagem podemos compreender os conceitos, desta e de outras áreas do conhecimento. Desta forma, a exemplificação da universidade, da praça e da usina hidrelétrica, visa compreender que a paisagem é potente ao ensino de geografia, quanto nas demais áreas do conhecimento. Isso, porque “poderíamos dizer que o espaço é o mais

interdisciplinar dos objetos concretos”. (SANTOS e SOUZA, apud SANTOS, 2008, p.67). E é por isso que no próximo capítulo, discutimos a paisagem como meio para ensino.

### 2.3 PAISAGEM COMO DIMENSÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO NO ENSINO

Na primeira parte, analisamos a evolução da noção de paisagem geográfica. Nesse sentido, foi discutida a relação existente entre o espaço geográfico, lugar e paisagem. Neste capítulo elaboramos uma reflexão sobre a paisagem e suas possibilidades para o ensino, considerando as imagens diretas e indiretas, propostas por Panizza (2014).

A paisagem mesmo que não seja diretamente apreciada por cada um, está presente no cotidiano da sociedade. Sendo assim, as noções geográficas favorecem a ampliação de novos conceitos para o ensino de geografia, bem como de outros componentes curriculares.

Podemos compreender a geografia curricular como encarregada do “estudo do espaço geográfico, entendido como um produto histórico, como um conjunto de objetos de ações que revelam as práticas sociais dos diferentes grupos que vivem num determinado lugar, interagem, sonham, produzem, lutam e o (re)constroem” (CASTROGIOVANNI apud, 2012. Org. p. 7). Quer dizer que, o espaço geográfico tem relações com o mundo e com a vida, por isso, serve como referente para outras áreas. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais a paisagem tem um caráter específico para a geografia, distinto daquele utilizado pelo senso comum ou por outros campos de conhecimento (PUNTEL, 2007, p. 287).

A partir dessa noção geográfica é possível provocar o aluno a conhecer, e entender a importância dos conceitos na vida de cada um e de todos. É importante destacar a necessidade da leitura e interpretação da paisagem em todas as séries no ensino de geografia. Isso, porque é relevante estabelecer ligações com o espaço geográfico próximo como, a representação da sua residência, rua, bairro, cidade, estado, país ou do mundo. Mas a proximidade não é apenas física, ela é o significado que o sujeito estabelece. Essa perspectiva faz com que o sujeito se considere em relação à paisagem, provocando o processo de aprendizagem.

A noção de paisagem possibilita trabalhar o cotidiano histórico e socialmente construído e, transformado. Pois favorece a troca de ideias sobre o papel do cidadão como o responsável pela sua participação, na construção das paisagens nas quais se encontra inserido.

De acordo com (PANIZZA, 2014, p.78), a introdução do desenho de paisagens na sala de aula amplia a visão da criança no que se refere ao seu espaço geográfico, sendo perceptível

o enriquecimento de detalhes conforme ocorre a prática desses recursos. O desenho propicia um aprendizado preciso da paisagem local, facilitando outras aprendizagens, “como as noções cartográficas de legenda, ponto de referência, orientação proporção” (CASTELIAR, 2005, apud, PANIZZA, p.78).

Lembrando que esse aprendizado já foi iniciado dentro do cotidiano familiar, aonde são impressos noções de paisagem, destacando-se o que é considerado referencial estético. É importante trabalhar com essas diferentes visões dentro da sala de aula, aonde o aluno vem com ideias pré-concebidas daquilo que ele conhece.

Isso justifica-se, pois, desde bebês os nossos pais sempre nos mostram paisagens para nos distrair ou agradar, e nem se dão conta que o fazem. No pré-escolar desenhamos paisagens, e nas séries iniciais a forma de abordagem vai se ampliando devido o conhecimento empírico do aluno e o conhecimento mediado pelo professor. Assim, a noção geográfica está presente durante a vida, e a dimensão vai se constituindo em todas as séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Nessa linha de pensamento, afirmamos que quando se atribui significado ao conteúdo que é ensinado na escola, ele passa a ser pensado com diferentes graus de abstração, instigando o sujeito a refletir sobre as ações, já que o pensamento é o início da ação. A ideia tende a servir para o aluno pensar e interpretar a paisagem, aproximando o conteúdo da escola com a realidade.

A paisagem vista dessa forma permite que o aluno estabeleça relações diretas com o espaço geográfico, abordando a paisagem como aquela que vai além do que se vê ou imagina. Desta maneira, em conformidade com Panizza (2014, p. 45), entendemos que uma observação pode ser feita de maneira direta ou indireta, assim:

A direta diz respeito ao que se encontra ao alcance da vista, da paisagem local, do espaço vivido, e nele identificamos os elementos materiais e imateriais, presentes e passados, em diferentes escalas. As coisas do cotidiano são um amplo repertório para a observação direta: a vista da janela do quarto, o bairro onde moramos, a rua da escola, o trajeto de casa até a escola, a orientação do Sol e os jogos de luzes e sombras que os astros provocam, as mudanças na paisagem decorrentes das diferentes horas do dia ou das estações do ano etc. Já a observação indireta da paisagem pode ser realizada a partir de imagens disponíveis nos mais diferentes suportes: jornais, revistas, internet, fotografias, imagens de satélite, cartões-postais, livros, quadros, filmes, histórias em quadrinhos etc. (PANIZZA, 2014, p. 45).

Para a observação indireta, podemos utilizar diferentes recursos. As paisagens dos lugares podem ser representadas pelas fotografias, de câmeras digitais e analógicas, ou pelos celulares, também podem ser visualizados nas imagens de televisores, DVDs, computadores,

tablets, e recursos impressos, como revistas, jornais e livros. Assim, a ideia de pensar e compreender como o espaço, o lugar e a paisagem possuem um elo, pode ser auxiliado com as imagens desses recursos. Assim, se fotografarmos o mesmo lugar, durante um mês, em vários horários, conseguiremos construir um arquivo de paisagens, onde essas mudanças se tornam perceptíveis.

Por isso a paisagem é considerada importante para o ensino desde as primeiras abordagens, mesmo que ainda não esteja diretamente ligada à disciplina de geografia. Assim, serve como base posterior para a aprendizagem e o ensino da geografia.

Conforme colocado por (PANIZZA, 2014, p. 82), o professor pode usar como ferramenta de ensino o estudo da paisagem, pois este cria um ambiente favorável para o aluno dar vazão a sua curiosidade e descobrir o mundo ao seu redor. A autora enfatiza a importância da paisagem local, definindo essa como aquela que está ao alcance da vista dos alunos. Um exemplo é a rua da escola, que “é um espaço privilegiado onde ocorre troca de experiências, deslocamentos, onde podemos andar, encontrar serviços”, resultando num espaço construído, o qual conforme Callai (2006):

Resulta da história das pessoas, dos grupos que nela vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e fazem/usufruem do lazer. Isso resgata a questão da identidade e a dimensão do pertencimento. É fundamental nesse processo que se busque reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e tornam significativo o seu estudo (CALLAI, 2006, apud ANDREIS, 2012, p.77-78).

Acreditamos que ao término da Educação Básica, o aluno terá elementos para identificar o conhecimento geográfico e relacionar com o seu cotidiano. Percebemos, então que a dimensão da paisagem possui relação direta e indireta ao tempo de vida das pessoas. Assim, conforme a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina para a geografia concordamos que:

Como afirma Santos (1996), vivemos num mundo aparente, no sentido de abrangência de nossas relações. Cada lugar é a sua maneira, o mundo. Mas também cada lugar torna-se exponencialmente diferente dos demais. A vida cotidiana faz então essa mediação. (SANTA CATARINA, 1998, p. 179).

Portanto, a ideia do processo de ensino e aprendizagem, relacionado com o cotidiano, busca contribuir para que o aluno construa conceitos referentes às noções geográficas, e perceba que estudar geografia pode ser mais significativo, importante para a si, e para a sociedade.

Considerando essas possibilidades de uso da paisagem no ensino, no próximo capítulo, apresentamos fotografias que exemplificam a construção de conceitos, pelas categorias de paisagens mais naturais e paisagens mais artificiais.

### 3 A POTÊNCIA DA PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Nos primeiros capítulos discutimos a relação entre paisagem e ensino. Agora, articulamos apresentando a força da imagem no ensino, por meio da leitura e interpretação de paisagens fotografadas. Para, a partir desse processo, construir o conhecimento pela “abstração reflexiva” (PUNTEL, 2007), com emoções, sons, cores e odores, ultrapassando o que a vista alcança (SANTOS, 2008).

Os modos como nos referimos à paisagem, na maioria das vezes direcionam nosso pensamento a ideia de paisagem natural e paisagem artificial. Entendemos que paisagem natural, de acordo com a afirmação de Santos (2008, p. 71), “é aquela ainda não mudada pelo esforço humano”, enquanto a paisagem artificial é aquela “transformada pelo homem”.

Segundo Santos, “se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente já não existe”. Atualmente, nos iludimos que estamos visualizando paisagens naturais. Se considerarmos a afirmação de Santos (2008, p. 71), nem as reservas ambientais são naturais, visto que o homem já esteve em contato com esses lugares.

Por isso, torna-se importante que seja percebido o efeito das ações humanas no espaço geográfico, desde intervenções feitas ao meio natural, a forma de desenvolver e organizar esse espaço (PINCHEMEL 1988 apud, PANIZZA, 2014, p. 90). Conforme Pinchemel, “dessa maneira as paisagens são afetadas por diferentes graus de intervenção humana”. Pinchemel (1988), se refere à paisagem natural, como aquela que não apresenta marcas visíveis da intervenção humana, suavizando a afirmação de Santos (2008) para a mesma. Já a paisagem modificada, construída, transformada, é chamada pelo autor de paisagem humanizada enquanto Santos, (2008, p. 71), se refere a ela como paisagem artificial. Considerando o acima exposto, entendemos que as duas expressões são válidas.

A paisagem representada por meio de fotografias contribui com o ensino pela leitura visual, reflexão, observação, identificação, descrição, percepção, localização, classificação, sentidos ou emoções. Dessa forma, contribuem no entendimento de como a sociedade se organiza, deixa suas marcas, sua historicidade, como constrói a dinâmica que interage com os processos naturais.

Acreditamos que a imagem é uma potente ferramenta para o sujeito identificar lugares, reconhecer o que já lhe foi apresentado, refletir sobre temas diversos, desenvolver o senso crítico, entender sua vivência, analisar o contexto histórico, aprender o conhecimento

científico, e melhor aproveitar o ensino de geografia para áreas afins, para sua vida, com atitude consciente.

Percebemos a necessidade de pensar e aprender como o espaço geográfico se organiza, para que as diversas percepções possam ser compreendidas nas suas diferentes formações. Dentro dessa perspectiva, o sujeito deve perceber a importância do espaço geográfico, não apenas no contexto curricular como forma de ingresso na universidade ou no mercado de trabalho.

Diante dessa compreensão, o presente tema nos despertou a atenção, devido, a valorização atribuída aos trabalhos de campo, o que permite articular o conteúdo teórico com a prática. Ademais, cabe ressaltar que essa atividade é de fundamental importância para o estudo da geografia, quanto para a formação acadêmica e atuação profissional. Isso porque, quando o professor afirma que conhece o lugar e o conhecimento geográfico, ao apresentar imagens próprias, ou outros tipos de materiais, os estudantes aprendem e demonstram interesses nas aulas.

E é assim, que percebemos a seriedade de demonstrar segurança na mediação do conhecimento, para construirmos aulas mais interessantes e proveitosas. Esta se torna uma prática de valor, visto que o conteúdo dessa disciplina às vezes é estudado superficialmente, e quase sem manter relação com o sujeito. Por isso, é imprescindível que o docente dessa área instigue o aluno, provocando-o a esclarecer suas dúvidas e expor suas críticas.

No ensino de geografia as aulas apresentam teorizações e abstrações complexas, tendendo a tornarem-se cansativas e distantes dos sujeitos. Nesse contexto, se não houver relação do conteúdo com o cotidiano, de forma prática, o aprendiz geralmente perde o interesse pelo componente curricular. Deste modo, a teoria em conjunto com a prática enriquece o aprendizado, despertando a busca do aluno pelo conhecimento, sendo que esse se torna capaz de relacionar o estudo a sua vivência.

O conhecimento teórico da escola, quando é apresentado ao estudante de forma materializada, pode ser visualizado, tocado, sentido ou ouvido, desperta a curiosidade do aluno, que atribui sentido e significado, ao relacionar com o a natureza e suas vivências.

Conforme argumentamos anteriormente a noção geográfica paisagem, quando mencionada, traz em nosso imaginário algo bonito, alegre, que se relacione com a natureza. Primeiramente, isso ocorre, pois a paisagem é visual, seja pelo contato direto, como é o caso do fotógrafo, ou indireto, como quem visualiza uma foto, imagem de jornal ou revista, um filme, um desenho animado, catálogo turístico, as representações nos livros, etc. Cada uma

delas possui particularidades, sempre carregadas de sentidos de quem o vê, levando em consideração o campo empírico de cada sujeito.

Cada pessoa ao olhar uma paisagem, lança esse olhar de acordo com a sua espacialidade, ou seu campo empírico, seja um geógrafo, um cientista, um agrônomo, um pequeno agricultor, um engenheiro, um construtor, um biólogo, um filósofo, um matemático, etc. Tudo depende da interpretação de cada um.

Além do acima exposto, podemos destacar que os trabalhos de campo, realizados durante o curso, permitiram a construção de um álbum digital, no qual, as fotos foram utilizadas nos relatórios, estudo de caso e em entre outros trabalhos de vários componentes curriculares.

Assim, a elaboração deste trabalho se torna algo significativo, pelo fato do material selecionado ser próprio, dotado de um sentido de pertencimento. Além disso, ao visualizarmos as fotografias a fim de classifica-las e inseri-las no trabalho, instantaneamente recordamos do momento em estas que foram capturadas, como se estivéssemos voltando ao lugar, mesmo que em pensamento.

Outro argumento importante acerca da importância da paisagem refere-se ao uso do livro didático. Isso, porque esse recurso é bastante utilizado na escola e, em geral, contém muitas imagens de paisagens. E quando observamos uma paisagem num livro didático, mesmo que o lugar seja desconhecido, esta vai ser entendida, como uma forma de complementar a teoria. Neste sentido:

É importante alertar que os referenciais (o *cotidiano* o *lugar* e as *paisagens*) são concretudes fundamentais para todas as aprendizagens e as possibilidades de elaborações em todas as áreas do conhecimento, pois são os espaços de conexão entre as informações concretas e os conhecimentos abstratos. Nessas categorias espaciais também se revelam o pertencimento e o reconhecimento de cada sujeito, por esse motivo podemos concluir que elas permitem contextualizar a partir do que já foi internalizado por aprendizagens espontâneas no decorrer do desenvolvimento do sujeito. (ANDREIS, 2012, p.116, grifos do autor).

Percebemos que a paisagem nos indica pistas do real, e pode ser visualizada, sentida, e ouvida. Ao visualizarmos uma imagem, seja ela uma foto, imagem projetada, uma visualização na televisão, no jornal impresso ou em revistas, naturalmente, o sujeito vai ser estimulado pelos seus sentidos, visto que a imagem que chega aos olhos serve de veículo para estimular os outros sentidos, que a fotografia não captura. Sob este olhar, “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega os sentidos” (SANTOS, 1988), por isso a paisagem é potente no ensino, pois:

O aparelho cognitivo, pelo fato de toda nossa educação, formal ou informal, ser feita de forma seletiva, faz com que pessoas diferentes apresentem diversas versões do mesmo fato [...]. A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão [...]. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado (SANTOS apud PERREIRA, 2013 p. 226).

Passamos a exemplificar algumas possibilidades de uso das paisagens no ensino. Embora entendamos que a paisagem sirva para o ensino em todas as áreas do conhecimento, devido ao contexto deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dedicaremos nossas análises as relações com o ensino de geografia. Cabe destacar, que estas paisagens serão abordadas sobre o viés de duas categorias, como paisagens mais naturais e paisagens mais artificiais. Além disso, citaremos exemplos de conceitos que podem ser trabalhados com o uso das mesmas como recurso ao ensino de geografia. Provocamos o leitor a interpretar as imagens 3 e 4, a fim de pensar a necessidade de adotar conceitos em relação à natureza.

Fotografia 3 – Rio Guaíba Porto Alegre-RS



Fonte:Arquivo Pessoal, 2015.

Nota: Foto de Elisandra Ozorio

Fotografia 4 – Córrego Ilha das Flores Porto Alegre-RS



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.  
Nota: Foto de Elisandra Ozorio

As imagens 3 e 4 acima, nos permitem estimular uma reflexão, sobre dois lugares distintos, entretanto, ligados através dos cursos de água do nosso planeta. As imagens representam dois rios com aspectos diferentes. Na imagem 3 visualizamos um rio com grande volume de água em condições de captação e tratamento para depois ser distribuída para o consumo humano.

Ao observar a imagem 4 percebemos que o rio tem menor volume de água, mas o que prende a atenção é a questão da poluição hídrica, considerando que os dois rios fotografados e apresentados pertencem à mesma bacia hidrográfica. A poluição hídrica é preocupante, visto que essa situação atual tem sido presenciada em diversos pontos do mundo. Assim, é possível

perceber as imagens de formas diferentes, como uma constante de beleza, mas ao mesmo tempo de feiura, conforme salienta Cosgrove (1998).

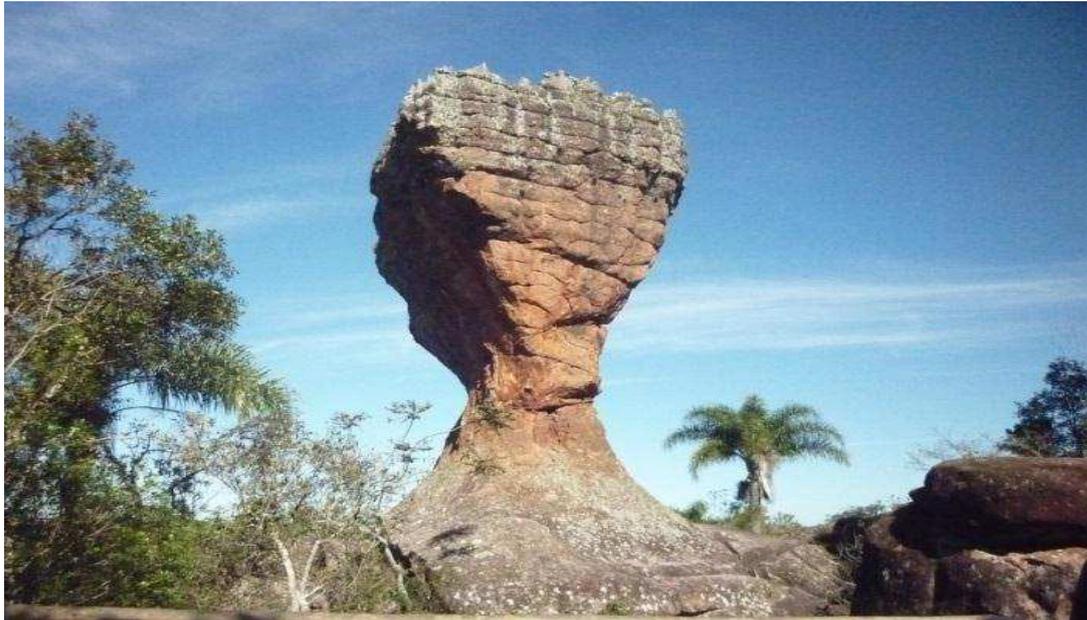
Além disso, é possível o ser humano acreditar que é o responsável pela paisagem que chega aos seus olhos na imagem 4? E ainda que a imagem 3 tenha ligação com a subsequente? É por isso que a paisagem precisa causar significado ao encontrar os olhos do observador, para que assim, ele possa refletir sobre suas ações e atitudes que contribuem para a transformação da paisagem. A interpretação das fotografias nesse contexto é uma provocação para que o leitor consiga entender, por que a paisagem fotografada faz sentido para o estudo e estimula o senso crítico do sujeito.

Por tal razão, reforçamos a importância de estudar a categoria paisagem no ensino de geografia, pois é com ela que se inicia uma viagem livre para cada indivíduo. Essa paisagem chega aos seus sentidos, e de acordo com sua percepção surgem outros conceitos. A formação do sujeito está em processo contínuo e evolutivo, ele precisa direcionar seu olhar, com um senso crítico e consciente. Para tanto, a paisagem geográfica e a fotografia como recurso didático podem ser uma potente estratégia para prender/cativar a atenção do aluno.

No decorrer deste capítulo, apresentamos algumas fotografias capturadas por uma câmera digital ou pela câmera do telefone celular da pesquisadora. Em sua maioria, as fotos foram capturadas da janela do ônibus, micro-ônibus, carro ou trem, entretanto, todas foram fotografadas durante os trabalhos de campo da graduação, do curso de Geografia-Licenciatura. E é isso que justifica o título “Paisagem: uma janela para a aprendizagem de geografia”, do presente trabalho.

A estudiosa PANIZZA (2014, p. 10), já havia apresentado a afirmação de Eric Dardel (1952) na qual “a paisagem é uma janela de possibilidades ilimitadas”, ainda nos dias de hoje, a paisagem como representação “continua sendo fonte de inspiração para a humanidade” (PANIZZA, 2014). Para construir a proposta, cada foto traz ideias, com as quais podemos trabalhar conceitos relacionados ao ensino de geografia. Cabe destacar, que estas paisagens serão abordadas sob o viés de duas categorias, como paisagens mais naturais e paisagens mais artificiais.

Fotografia 5 – Taça- Parque Vila Velha-PR



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.  
Nota: Foto de Elisandra Ozorio

A foto acima é reconhecida como o símbolo do Parque de Vila Velha do Grupo Itararé, a qual recebeu o nome de taça. Ao observar a imagem, podemos trabalhar em sala aspectos geológicos, como a formação Botucatu, relevo, vegetação, tipos de rochas, ação e tipos de intemperismo, eras geológicas, depósitos sedimentares, ação da água, alterações físicas e químicas, erosão e turismo, enquadrando-se na classificação que corresponde às paisagens mais naturais.

Acreditamos que as aulas que contenham esses conceitos, cativem a atenção dos alunos, por meio de fotografias como esta, por se tratar de um lugar situado em território brasileiro. Ademais, se o professor visitou o local, com certeza a aula ficará mais interessante, porque ao trabalhar a teoria aliada à experiência pessoal do professor, agrega-se valor e significado a aula.

Depreende-se que a paisagem da taça se fotografada por alguém conhecido, principalmente se for o professor, quando utilizado como recurso didático, pode anular a ideia de que, aquela paisagem era uma representação, assim ela se torna real. Também, é provável que alguns alunos já tenham visualizado a imagem da taça em algum livro didático de geografia.

Fotografia 6 – Praia Torres-RS



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.  
 Nota: Foto de Elisandra Ozorio

Já com a com a leitura e interpretação da fotografia acima, podemos trabalhar sobre as diferentes características físicas e químicas da água, tipos de vegetação, formas do relevo, tipos de rochas, animais aquáticos, tipos de solo, turismo local, clima local, ação do vento, dentre outras. As imagens (fotografias 5,6 e 7) consideradas mais naturais, são de estados diferentes mas possibilitam trabalhar vários conceitos de igual modo, o que permite, que os alunos percebam a geografia como o mundo, ou seja, o que há em um lugar, também pode haver em outro lugar.

Fotografia 7 – Floresta Tropical Altântica/Ferrovia -PR



Fonte: Arquivo Pessoal , 2014.  
 Nota: Foto de Elisandra Ozório

A partir dessa imagem mais natural podemos elaborar aulas sobre características da floresta tropical, extrativismo, sistemas de engenharias, desmatamento, processos naturais. A Floresta Trropical Altântica desperta interesses financeiros, exploração de recursos naturais. Pode-se ainda abordar a importância da floresta, fauna e flora bem como as características da floresta tropical, formas de relevo, clima local. Isso porque, imagens diferentes permitem abordar conceitos iguais.

Ademais, na ferrovia que aparece na imagem, ocorre mais do que a união das cidades de Curitiba-PR e Morretes-PR, pois a ferrovia que servia exclusivamente para transporte produtivo, atualmente está envolvida com outras atividades, como o turismo. Quer dizer que a partir dessa imagem podemos estudar a história do lugar.

Fotografia 8 –Marcas Humanas na Floresta Tropical Altântica /PR



Fonte: Arquivo Pessoal, 2014.  
Nota: Foto de Elisandra Ozório

Essa imagem mais natural foi capturado da janela do trem, no trajeto de Curitiba para Morretes. Com ela podemos contar a história do lugar, relação do homem com a natureza, marcas humanas permanecem nas paisagens, as formas de relevo, bacia hidrográfica do

estado do Paraná, processos naturais, fauna e flora, escala geográfica, micro-clima, e também objetos que ligam os municípios.

Fotografia 9 – Prédio Histórico Porto Alegre - RS



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015

Nota: Foto de Elisandra Ozório

A partir dessa imagem mais artificial, podemos trabalhar o contexto histórico, assim como na fotografia mais natural proposta anteriormente. A imagem humanizada pode servir para representação histórica, e também estar presente no nosso cotidiano. A partir da observação da fotografia é possível ensinar sobre, a arquitetura urbana, a atuação do homem no espaço geográfico, investimento público, movimento cultural, conservação do patrimônio histórico, estruturas velhas.

Fotografia 10 – Floresta Ombrófila Mista - PR



Fonte: Arquivo Pessoal, 2014.

Nota:Foto de Elisandra Ozório

Encontramos fragmentos dessa floresta nos três estados do Sul do Brasil, com a fotografia dessa paisagem mais naturais podemos elaborar aulas destacando conceitos como o de perfil topográfico, tipos de vegetação, clima da floresta ombrófila mista, extinção de espécies, tipos de solos, relevo, hidrografia, extrativismo, desmatamento, extensão da floresta, cadeia alimentar, campos de altitudes, temperatura anual, precipitação atmosférica, dentre tantos outros.

Fotografia 11 – Xaxim Mata Preta Abelardo Luz - SC



Fonte: Arquivo Pessoal, 2014.  
Nota: Foto de Elisandra Ozorio

A fotografia do Xaxim foi tirada com a intenção de registrar espécies que correm risco de desaparecer, tanto o Xaxim como as Araucárias da foto anterior correm risco de extinção. As imagens mais naturais 10 e 11 são de lugares diferentes e apresentam particularidades cuja finalidade é a mesma, ou seja, demonstrar a importância da preservação das espécies, bem como construir aulas com o conhecimento teórico voltado para tipos de solos, relevo, hidrografia, extrativismo, desmatamento, condições climáticas.

Fotografia 12 – Agroecologia Chapecó-SC



Fonte: Arquivo Pessoal, 2014.  
Nota: Foto de Elisandra Ozorio

A imagem 12, classificada como mais natural é de uma propriedade particular, localizada na área rural de Chapecó- SC. Esta propriedade trabalha com a produção orgânica. Por meio da observação da imagem podemos abordar conceitos como, biodiversidade, vida microbológica, agroecologia, matéria prima, vegetação, ervas daninha, clima, ecossistema, tipos de solo, saúde alimentar, produtos orgânicos, comercialização, classificação de sementes, agricultura familiar, subsídios governamentais, economia, mão de obra, transporte de produtos, relação entre o campo e a cidade.

Fotografia 13 – Áreas de Cultivos RS



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.  
Nota: Foto de Elisandra Ozorio

A partir imagem 13, acima permite percebemos a mecanização agrícola, a evasão residencial, aumento da área de produção. Podem ser trabalhados conceitos como erosão, desmatamento, uso do solo, microclimas, índice de pluviosidade, plantio direto, colheita mecanizada, seleção de sementes, degradação do solo, escoamento da produção, aplicação de agrotóxicos, poluição hídrica, redes de energia, influência humana no meio rural, dentre outros.

Fotografia14 – Viadutos Porto Alegre-RS



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

Nota: Foto de Elisandra Ozorio

Essa paisagem possui características mais artificiais, mesmo que a matéria prima presente nela tenha sido processada e transformada, como no caso, o cimento utilizado na construção dos viadutos. A fotografia capturada no entorno da Arena do Grêmio localizada na cidade de Porto Alegre- RS nos faz visualizar uma grande estrutura física na área urbana. A partir dessa foto podemos trabalhar sobre recursos financeiros, uso do espaço geográfico, investimento governamental no território, mobilidade urbana, atuação do plano diretor, sistema da engenharia de transportes, planejamento urbano, comércio local, circulação de pessoas, imaginar sons dessa paisagem. Ainda, com a observação da foto urbana temos outras possibilidades, pois conforme Cavalcanti (2008) “A observação da paisagem urbana permite perceber a espacialização [...], de áreas segregadas, áreas nobres, áreas em processo de valorização são facilmente reconhecidas na paisagem”.

Os espaços urbanos ainda possuem várias outras possibilidades que devem ser abordadas no ensino de geografia. Nesses espaços, como no entorno da Arena também há um aglomerado objetos, ou seja, as residências, ruas, as pessoas que circulam nesse espaço nos

dias de jogos, os turistas, as excursões de estudantes dentre outros. Assim, “em função dessas pessoas e desses objetos os espaços e a vida urbana se organizam. Esses elementos vão configurando a paisagem urbana, sendo possível, assim estudar a cidade como uma paisagem” (CAVALCANTI, 2008, p. 123). Entendemos, com isso que a paisagem pode ser fundamental para estudo da geografia.

Fotografia 15 – Igreja Nossa Senhora Mãe de Deus Porto Alegre-RS



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.  
Nota: Foto de Elisandra Ozório

Esta fotografia, analisada como mais artificial, representa uma paisagem construída. Podemos elencar vários conceitos a partir dela, dentre os quais temos o modelo de arquitetura, a estética, a história do lugar, o turismo, tecnologia, redes de comunicação as diferentes culturas, crenças religiosas, a circulação de pessoas. Além disso, a imagem da Igreja Nossa Senhora Mãe de Deus, possui muitos conceitos que não podem ser visualizados, mas a imagem pode servir de veículo para tocar nossas emoções.

Fotografia 16 – Orla Portuária Itajaí-SC



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.  
Nota: Foto de Elisandra Ozório

Com base, na imagem 17 podemos estudar conceitos relacionados a localização geográfica, hidrografia, relevo, erosão, enchentes, açoriamento fluvial, transporte fluvial, comércio exterior, mecanização do trabalho, redes tecnológicas, áreas de fronteiras, e outros.

Fotografia 17 – Agência Bancária Com Arquitetura Singular Joinville-SC



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.  
Nota: Foto de Elisandra Ozorio

Com essa imagem podemos estudar conceitos voltados à geografia econômica. A imagem representa uma agência bancária inserida no centro urbano. Constata-se que a

estrutura do local caracteriza-se por uma arquitetura histórica. A observação da paisagem de forma menos atenta pode causar a impressão de ser residencial, até mesmo o estacionamento é diferenciado. Outra abordagem pode ser referente a segregação.

Fotografia 18 – Arquitetura Européia Blumenau-SC



Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Nota: Foto de Elisandra Ozório

A imagem 18, nos traz conceitos de arquitetura européia, onde a estrutura caracteriza-se por uma miscigenação entre o novo e o velho<sup>1</sup>. Conforme Santos (2008, p. 107) “uma mesma variável apresenta o novo e o velho, existe nela uma luta continua entre esses dois agentes. Muitas vezes o novo expulsa logo o velho, às vezes este resiste por muito tempo”.

Fotografia 19 e 20 – Rio Itajaí Açú, Blumenau-SC



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Nota: Foto de Elisandra Ozorio

<sup>1</sup> Esta construção foi erguida reproduzindo elementos do enxaimel (arquitetura característica Alemanha). O verdadeiro enxaimel esta situado em menor tamanho, do lado esquerdo.

As imagens, 19 e 20 nos proporcionam trabalhar conceitos relacionados ao uso do solo, erosão, desmatamento, enchentes, áreas de riscos, monitoramento da defesa cívil, vazão fluvial, hidrografia, vegetação, influência humana, invasão de áreas de preservação, desrespeito das leis ambientais, edificações em situação de risco, muros de contenção, e estradas de acessos.

Fotografia 21 – Paisagem Rural/Urba Chapecó-SC



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Nota: Foto de Elisandra Ozório

Na imagem 21 visualizamos partes mais naturais e partes mais artificiais. A fotografia de uma paisagem mista também é interessante, pois permitem trabalhar conceitos geográficos que envolvem o rural e o urbano. Percebemos que eles não há uma ruptura estática, os espaços interagem, assim como as relações econômicas, sociais, políticas que os envolvem, mesmo que não sejam visíveis na paisagem, exercem um papel importante nas ações sobre o espaço geográfico. Com esta imagem, podemos elaborar aulas com conceitos de localização geográfica, relevo, diferentes uso do solo, delimitação de áreas, valorização das terras, hidrografia, tipos de mão de obra, redes de comunicação, redes transportes, empregos diretos e terceirizados, agronegócio, tipo de pastagem.

Também a fotografia, abre possibilidades de trabalhar sobre segregação espacial, pois a foto foi tirada da Rua Avenida Getúlio Vargas no ponto de acesso aos fundos do Shopping Pátio de Chapecó. O traçado das ruas, estética do área urbana, pavimentação asfáltica, redes de energia elétrica, planejamento urbano. Ainda podemos abordar conceitos que não são visíveis, como o som e odores da paisagem. partes mais naturais e partes mais artificiais.

Fotografia 22; 23; 24; 25 – Ametista do Sul-RS



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Nota: Foto de Elisandra Ozorio

Por meio do conjunto de imagens, podemos estudar conceitos geográficos como relevo, vegetação, transformação do espaço geográfico, uso de tecnologia, trabalho manual, tipo de rochas e minerais, extrativismo de minerais, retirada e descarte de rejeitos, temperatura local, recursos financeiros, turismo, comércio, exportação de minerais, beneficiamento de recursos naturais.

### 3 CONCLUSÃO

Através deste trabalho buscamos contribuir com o ensino de geografia, de modo que as aulas desse componente curricular possam ser compreendidas com um caráter mais concreto e significativo e menos superficial e distante dos sujeitos. Com essa pretensão na fundamentação teórica, enfatizamos a importância de trabalharmos noções geográficas, por meio de paisagens fotografadas. Demonstramos que o estudo da geografia por meio das paisagens fotografadas deve criar um elo com a natureza, porém devemos levar em conta o cotidiano em que o sujeito está inserido.

As imagens que utilizamos para analisar possibilidades de ensino de geografia permitem-nos entender que é necessário pensar o espaço geográfico. E por meio da paisagem, podemos visualizar, sentir, ouvir, cheirar e imaginar, o que as fotografias não mostram.

Concluimos com a pesquisa realizada, que devido a geografia constituir-se enquanto uma ciência visual, esta traz como possibilidade o uso de fotografias como recurso didático a fim de representar o espaço geográfico. Ao relacionar a imagem fotografada às vivências dos alunos, estes lhe atribuem significados, o que torna o processo de ensino e aprendizagem efetivo.

## REFERÊNCIAS

ANDREIS, Adriana Maria. **Ensino de geografia: fronteiras e horizontes**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura: Imprensa Livre, 2012.

CABRAL, Luiz Otávio. **A paisagem enquanto fenômeno vivido**. Geosul, Florianópolis, v.15, n 30 p34-45, jul./dez.2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/14252/13053>>. Acesso em: 04 mai. 2015.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André (Org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**, 10 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998. (Coleção magistério: formação e trabalhos pedagógico)18 ed, 2011.

HOLGADO, Flavio Lopes; ROSA, Kátia Kellem da. **Olhares sobre a paisagem – a utilização de imagens de satélite e fotografias aéreas no ensino de geografia**. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n. 3, set./dez.2011. . Disponível em: <[periodicos.ufsm.br/geografia/article/download/7350/4389](http://periodicos.ufsm.br/geografia/article/download/7350/4389)> Acesso em: 26 jul.2015.

MACIEL, Ana Beatriz Câmara; LIMA, Zuleide Maria Carvalho. **O conceito de paisagem: diversidade de olhares**. Sociedade e Território, Natal, v. 23, nº 2, p.159-177, jul./dez.2011. Disponível em: <[ufrn.emnuvens.com.br/sociedadeeterritorio/search/titles?searchPage=4](http://ufrn.emnuvens.com.br/sociedadeeterritorio/search/titles?searchPage=4)> Acesso em: 16 abr. 2015.

PANIZZA, Andrea de Castro. **Paisagem**. São Paulo: 1 ed. Melhoramentos, 2014. (Como eu ensino).

PEREIRA, Marcelo Garrido (Comp). **La opacidad del paisaje: formas, imágenes y tempos educativos = (a opacidade da paisagem: formas, imagens e tempo de ensino)**. Porto Alegre: 1 ed. Imprensa Livre, 2013.

PUNTEL, Geovane Aparecida. **A paisagem no ensino de geografia**, Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n.1, p. 283-298, jan./jun.2007. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/130>>. Acesso em 16 abr 2015.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Cordenadoria Geral De Ensino. **Proposta Curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio (disciplinas curriculares)**, Florianópolis, 1998.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia; em colaboração com Denis Elias**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Eunice Isaias Da Silva; Pires, Lucineide Mendes (Org). **Desafios da didática de geografia**. Goiânia: ed. Da PUC Goiás, 2013.